

O ressoar do Martelo das Feiticeiras

Mariana Oliveira Ferreira de FREITAS¹

Resumo: Pretende-se aqui, identificar as heranças impregnadas pela Inquisição, partindo dos textos do livro *Malleus Maleficarum*, nas mentalidades atuais. Como este manual inquisitorial medieval influenciou na visão misógina e violenta com relação às mulheres. E de que maneira, suas intenções não refletiam apenas num caráter religioso, mas também político e econômico. Para além disso, elaborar comparações do conceito de Bruxa, pregado pelo *Malleus*, com relação ao que se entendia no Brasil colonial durante visitas do Santo Ofício. Rastreado os vestígios deixados por estes eventos na sociedade contemporânea, a fim de desmascarar preconceitos e injustiças do dia-a-dia, como antigos hábitos de um passado descrito nesta obra. A partir de uma bibliografia relacionada, observar tais desdobramentos, para buscar entender as relações culturais, históricas, e sociais, entre estes processos e apontar os agentes por trás das normas e ideais de cada época.

Palavras-chave: Malleus Maleficarum, inquisição, bruxa, misoginia, capitalismo.

¹ Graduada em História e Mestranda em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Viçosa, Minas Gerais, Brasil. E-mail: mariana.o.freitas@ufv.br.

La resonancia del Martillo de las Brujas

Resumen: Se pretende aquí, identificar los legados impregnados por la Inquisición, partiendo de los textos del libro *Malleus Maleficarum*, en las mentalidades actuales. Cómo influyó este manual inquisitorial medieval en la visión misógina y violenta de la mujer. Y de qué manera sus intenciones reflejaban, no sólo un carácter religioso, sino también político y económico. Además, se hacen comparaciones del concepto de bruja, predicado por *Malleus*, en relación con lo que se entendía en el Brasil colonial durante las visitas del Santo Oficio. Rastrear las huellas que estos acontecimientos dejaron en la sociedad contemporánea, con el fin de desenmascarar los prejuicios e injusticias del día a día, como viejos hábitos de un pasado descrito en este trabajo. A partir de una bibliografía relacionada, observar dichos desarrollos, para tratar de comprender las relaciones culturales, históricas y sociales entre estos procesos y señalar los agentes detrás de las normas e ideales de cada época.

Palabras clave: *Malleus Maleficarum*, inquisición, bruja, misoginia, capitalismo.

Introdução

Os estudos das Inquisições, apesar de interessantes e muito pertinentes para debates atuais, podem vir a ser um tanto quanto desafiadores, principalmente para o público feminino. As leituras necessárias são bastante difíceis e sensíveis e nenhum outro texto pode causar mais dessas sensações de desconforto do que os escritos na obra “*Malleus Maleficarum*”². Aqui, será feita uma pequena análise, de alguns fatores importantes contidos no livro de forma direta ou indireta, pensando seus desdobramentos que refletem em situações cotidianas hoje. Claro, entendendo o material como fruto de seu tempo, para não correremos o risco de anacronismos. Mas, ainda sim, criticá-lo de maneira cabível para nuances desagradáveis que ainda persistem em nossa sociedade.

São dois pontos-chave que funcionarão como diretrizes para o artigo. Um deles é bem claro e aparece com mais frequência nos debates a respeito da Inquisição, seja em qual época ou região for: a situação das mulheres. As ditas Bruxas, como foram subjugadas, violentadas, torturadas, humilhadas e assassinadas. O outro, diz respeito a um mecanismo mais socioeconômico e político a que os processos inquisitórios também se prestaram.

É possível que se visualize, atualmente, as passagens do *Malleus* como ideias completamente estapafúrdias e risíveis, além de muito ultrapassadas. Entretanto, é um risco levar por este caminho, uma vez que, situações atuais podem ser reconhecidas em mensagens do livro. O próprio imaginário da figura das Bruxas, que perdura na literatura e nos cinemas; o tabu da dignidade menstrual; o feminicídio; a desigualdade de gênero; e as ditas “piadas”, na verdade machistas e misóginas que sustentam a cultura do estupro e ainda arrancam risadas e deboches em conversas entre amigos.

Para o pontapé inicial deste trabalho, nada viria mais a calhar que uma passagem bíblica, do livro do Gênesis, que afinal era a leitura básica dos inquisidores, anterior a chegada do *Malleus Maleficarum*. Aqui, está o primeiro de muitos castigos que sofrerão as mulheres segundo o dogma cristão: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.” (Gênesis 3:16). Nesse pequeno trecho, não só se cria a noção de

² Traduzido do latim: *O Martelo das Feiticeiras*.

padecimento durante o trabalho de parto, como afirma a dominação masculina sob o feminino. Neste capítulo não apenas Eva é punida, mas apenas ela, carrega culpa e dor para seu corpo e as consequências disso são bem intensas. Não por acaso, autoras como a intelectual brasileira Rose Marie Muraro defendem que:

Assim, o *Malleus Maleficarum*, por ser a continuação popular do Segundo Capítulo do Gênesis, torna-se a testemunha mais importante da estrutura do patriarcado e de como esta estrutura funciona concretamente sobre a repressão da mulher e do prazer. De doadora da vida, símbolo da fertilidade para as colheitas e os animais, agora a situação se inverte: a mulher é a primeira e a maior pecadora, a origem de todas as ações nocivas ao homem, à natureza e aos animais (MURARO, 1991, p. 16).

Malleus Maleficarum

O famigerado livro foi escrito no século XV, aproximadamente entre os anos de 1484 e 1487, estágio de transição da Era Medieval para Moderna, um dos ápices dos ciclos inquisitórios. Por encomenda do então Papa, Inocêncio VIII, que se prontificou em uma importante Bula³ a expressar a necessidade de um manual de combate à heresia⁴, aos inimigos da Santa Igreja, à falta de fé e ao mal das Feiticeiras. Nela, deixa clara a autoridade dos inquisidores, como evidencia a passagem:

[...] em virtude de Nossa autoridade apostólica, decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, como se as províncias, as aldeias, as dioceses, os distritos e territórios, e ademais, como se, inclusive, as pessoas e os crimes dessa espécie tivessem sido indicados e especificamente mencionados em Nossas cartas (KRAMER E SPRENGER, 1487, p. 51).

Podemos ver então, a tamanha jurisdição que detinham os inquisidores, com capacidade de agir da maneira que fosse, com quem fosse, como se fossem a personificação de toda Igreja e toda virtude. Para essa “nobre” tarefa foram designados os dominicanos⁵ alemães Heinrich Kramer e James Sprenger - que então se dedicaram à produção do livro que seria uma espécie de guia para o que conhecemos hoje como *caça*

³ Bula papal ou pontifícia, é um documento oficial, uma carta, um alvará - selado com o timbre do Papa em exercício, onde pela lei eclesiástica são manifestados assuntos administrativos da Igreja: religiosos, políticos e/ou econômicos.

⁴ Heresia: hábitos, costumes, práticas, teorias, que negam ou contrariam a doutrina estabelecida pela Igreja.

⁵ Os frades dominicanos, da Ordem dos Pregadores de São Domingos, são uma Instituição Católica, com a missão da pregação do evangelho.

às bruxas, momento em que “a Europa conheceu o calor das fogueiras e a crueldade dos castigos realizados em nome de Deus pela Inquisição” (RODRIGUES, 2012, p. 4).

O Martelo das Feiticeiras foi dividido em três partes principais. A primeira caracteriza o Mal, certifica a existência e a presença do Diabo, como se relacionam com as Bruxas e o grande risco disso, gerando uma sensação de temor absoluto. Numa segunda parte, vão ensinar, de maneira um tanto quanto didática, como identificar quem traz o mal para o mundo: as Bruxas; como identificar suas obras de bruxaria, alguém que estivesse sob maldição e situações de calamidade supostamente provocadas por elas. E, em uma terceira parte, vão em detalhes e de forma brutal, explicar como resolver tais problemas, como tratar, e que medidas tomar para punir cada ocorrência.

A publicação do livro acaba por acontecer apenas algumas décadas depois do advento da prensa móvel⁶, o que além de revolucionar a imprensa, a comunicação e a cultura mundial, também serviu para tornar conturbada a situação da Igreja, que viria a enfrentar o peso da Reforma Protestante alguns anos a seguir, início este, que se daria por meio da divulgação dos panfletos de Lutero, mais popularmente propagados e amplamente circulados em função da rapidez que concedia à prensa. Claro, que a invenção não foi apenas uma pedra no sapato da Igreja, uma vez que, ajudou na maior difusão da Bíblia Sagrada, bem como do *Malleus Maleficarum*.

Associação da mulher ao Mal

Como citado acima, vincular a figura feminina ao pecado e à desgraça se inicia com os primeiros passos da construção da Igreja. Mas, tal ideia ganha uma força avassaladora com a publicação do *Malleus*. Logo no começo, os autores afirmam a suscetibilidade da mulher para a bruxaria e listam as razões para esta justificativa:

E a primeira está em sua maior credulidade; e, já que o objetivo do Diabo é corromper a fé, prefere então atacá-las. [...] A segunda razão é que as mulheres são, por natureza, mais impressionáveis e mais propensas a recebera influência do espírito descorporificado; e quando se utilizam com correção dessa qualidade, tornam-se virtuosíssimas, mas quando a utilizam para o mal, tornam-se absolutamente malignas. A terceira razão é que, possuidoras de língua traiçoeira, não se abstêm de contar às suas

⁶ A prensa móvel, é uma máquina de impressão de textos. Foi inventada pelo alemão Johann Gutemberg, por volta do ano de 1450, mecanizou o formato de produção de livros, capaz de reproduzir letras, números e símbolos, de forma eficiente e veloz.

amigas tudo o que aprenderam através das artes do mal; e por serem fracas, encontram modo fácil e secreto de se justificarem através da bruxaria (KRAMER E SPRENGER, 1487, p. 123).

Um documento recheado de trechos difíceis de serem lidos como estes, resume a questão em outra passagem bíblica “toda a malícia é leve, comparada à malícia de uma mulher” (ECLESIÁSTICO 25:26). Eles seguem atestando:

Mas a razão natural está em que a mulher é muito mais carnal que o homem [...] houve uma falha na formação da primeira mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurvada [...] cuja curvatura é, por assim dizer, contrária à retidão do homem [...] em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente (KRAMER E SPRENGER, 1487, p. 124).

Compara-se a mulher ao que há de mais torpe, imoral e desprezível. Segundo os dominicanos, são elas mais que hereges, são apóstatas⁷: “[...] as bruxas, depois de Lúcifer, excedem a todos os maiores pecados, visto que além de pactuarem com o Demônio, mantêm relações carnis com este, espalham ódio e injúrias a todos os seres e negam o Cristo crucificado” (RODRIGUES, 2012, p. 5). Na grande maioria das vezes, tais afirmações são acompanhadas de princípios retirados da Bíblia, para aumentar sua credibilidade entre os fiéis. Poderia aqui citar mais inúmeras passagens com este tom, pois todo conteúdo se constrói assim, todavia o que já foi apresentado aqui imprime bem os intentos.

No transcorrer das palavras do livro também se fala sobre a possibilidade do Mal agir no homem ou do homem praticar feitiçaria. Mas, sempre se justificando que este, estaria à sombra de atentados realizados por mulheres, enfeitiçados ou possuídos, nunca com intenções de agir de tal maneira, sempre sob efeito do malefício de alguma mulher, “as bruxas são capazes de transformar os homens em bestas” (KRAMER E SPRENGER, 1487, p. 155).

Mais que exterminar heresias e blasfêmias⁸, o *Malleus* marca uma posição de cercamento e a soberania sob o feminino - nas esferas de corpo, mente e espírito - atribuindo toda sua natureza ao Mal e ao pecado, criando uma atmosfera atônita de medo e obediência. O que funciona como apoio importante para a consolidação do capitalismo

⁷ Apóstata: carrega o sentido de apartamento, distanciamento e abandono definitivo da fé e da doutrina cristã, uma renúncia pública.

⁸ Blasfêmia: insulto grave, difamação, ofensa para com Deus, a Igreja e tudo que for considerado sagrado.

que começava a surgir no horizonte e ainda da unidade de um povo com a formação dos Estados Nacionais, ponto que será melhor trabalhado no tópico seguinte.

Segundo Alexandre de Souza, outras personalidades importantes acabam por respaldar as noções aplicadas no *Martelo das Feiticeiras*: São Tomás de Aquino e Santo Agostinho, ambos, referências católicas e citados várias vezes no decorrer do livro. Agostinho vai validar o fato da submissão da mulher ao homem e Aquino vai dizer “A Fêmea é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este tão débil ser, marcado pela *imbecilias*⁹ de sua natureza, a mulher, ceda às tentações do tentador, devendo ficar sob sua tutela” (NOGUEIRA, 1991, p. 105).

A cientista britânica Catherine Blackledge, em sua obra “A História da V”, de maneira descontraída, nos apresenta como essas perspectivas sob a mulher e seu corpo vão ainda ser refletidas atualmente, por exemplo no nome que damos às partes íntimas. Todo tratamento científico do corpo feminino é estabelecido no receio e no oculto, amarrando este laço com seres malignos, com a vergonha e a indecência, preocupando-se em batizar as partes com uma nomenclatura “vilipendiada do ponto de vista léxico” (BLACKLEDGE, 1988, p. 63). Agostinho atribuiu vergonha aos órgãos sexuais humanos, em particular os femininos. Aristóteles afirma: “A mulher sempre foi um homem mutilado” (SAN MARTÍN, 2018, p. 51), notando sua falta de um pênis. E o anatomista italiano Matteo Realdo Colombo, foi o primeiro a chamar do que estamos acostumados hoje: vagina, do latim “bainha”. Para ele, a “anatomia sexual feminina envolvia o pênis da mesma maneira que uma bainha cobre uma espada.” (BLACKLEDGE, 1988, p. 65). Sendo assim, o órgão masculino é comparado a um instrumento ostentoso, que impõe respeito e admiração; já o feminino não é capaz de conter tamanhas potencialidades, portanto se limita ao estojo de uma espada.

O que se mostra presente nestes discursos são sobretudo, além da pura misoginia, relações de poder. No contexto em questão, as mulheres, principalmente camponesas e pobres, sem qualquer auxílio do Estado ou até mesmo da Igreja, buscavam soluções e cura no trato e na observação da natureza. Desenvolvendo técnicas medicinais para suas dificuldades e passando este conhecimento entre os filhos e vizinhos. Isso, naquele tempo, representava grande poder e num momento em que a Igreja precisava reafirmar a força

⁹ *Imbecilias*, do latim imbecilidade, estupidez, falta de inteligência.

de sua Instituição, garantir o domínio desse poder era de grande importância. Então, se cria um movimento de difamação, descredibilidade e receio dessas mulheres, conduzindo o poder, a cura, e o respeito apenas para Deus e seus representantes do clero católico.

O medo e o terror eram excelentes ferramentas para manutenção da hegemonia cristã. O historiador francês Jean Delumeau, dividiu os principais agentes de Satã, quando explicou o medo no ocidente, sendo eles: os idólatras e mulçumanos, os judeus e a mulher. Os inquisidores se aproveitam do imaginário da época e mergulham em uma série de sentenças, como as referidas do *Malleus Maleficarum*, com intuito de promover uma comoção geral de inquietação e aflição. Com isso, esperavam maior obediência e servidão, usando da preocupação das pessoas com as consequências divinas de seus atos.

De modo que a relação – crime-castigo divino já neste mundo – tornou-se mais do que nunca uma evidência para a mentalidade ocidental [...] Ao lado da peste, as fomes, as guerras, até mesmo a invasão dos lobos eram sempre interpretadas pela Igreja, e mais geralmente pelos guias da opinião, como punições divinas: flechas aceradas enviadas do Céu sobre a humanidade pecadora (DELUMEAU, 1989, p. 226).

Para além de uma estratégia religiosa

Tende-se a pensar que o *Malleus Maleficarum* se pauta apenas em religião, entretanto, numa análise de contexto mais minuciosa é possível identificar outros porquês, voltados para o lado político e econômico, por assim dizer. Já pontuamos o assunto das relações de poder e domínio do corpo feminino, isso pode estar indiretamente também ligado às relações de poder entre as classes e todas as consequências da formação do capitalismo e das identidades nacionais.

No período em que se produziu o livro, a população europeia havia passado, há pouco mais de um século, pela lástima da Peste Negra, que tirou a vida de milhares, além das problemáticas, fruto da Guerra dos Cem Anos. Por isso, a população masculina se encontrava abalada e reduzida, conseqüentemente as mulheres estavam à frente de suas famílias e suas casas, cuidavam das plantações e dos animais, educavam os filhos, tratavam suas doenças e possíveis percalços que viessem a enfrentar.

[...] as mulheres assumiram os papéis dos homens de família devido à desestruturação causada pelas epidemias e pelas guerras. As mulheres se viram obrigadas a trabalhar nas lavouras, partos, curas, sendo, principalmente nas vilas mais distantes da atuação da Igreja, considerada curandeiras, ato atribuído até então apenas à religião (RODRIGUES, 2012, p. 3).

Se o fator de manejo da cura pelas mulheres já ameaçava a Igreja, o controle que elas passam a ter sobre a terra e as produções no campo, tornam-se uma ameaça também para o Estado. E para a transição dos feudos era preciso uma centralização forte e firme do poder político. Ademais, com os primeiros passos do capitalismo, sabemos a necessidade crescente de uma domesticação dos corpos para formação de uma mão-de-obra obediente e produtiva.

No decurso do que muitos conhecem como Baixa Idade Média, as instituições de poder político e religioso estavam entrelaçados: o Estado representado pelo Rei e a Igreja pelo Papa. Entretanto, como já foi discutido, havia uma dificuldade de ambos na fiscalização da população, em função das distâncias geográficas, do acesso e das formas rudimentares de comunicação. Logo, em algumas circunstâncias, a maior arma da Igreja, seu discurso, via-se enfraquecido. A saída para muitos dos problemas foi a Inquisição.

O poder disperso e frouxo do sistema feudal para sobreviver é obrigado, a partir do fim do século XIII, a centralizar, a hierarquizar e a se organizar com métodos políticos e ideológicos mais modernos. A noção de pátria aparece [...] A religião católica e, mais tarde, a protestante contribuem de maneira decisiva para essa centralização do poder. E o fizeram através dos tribunais da Inquisição [...] Esse “expurgo” visava recolocar dentro das regras de comportamento dominante as massas camponesas [...] que se rebelavam. E principalmente as mulheres. Era essencial para o sistema capitalista que estava sendo forjado no seio mesmo do feudalismo um controle estrito sobre o corpo e a sexualidade, conforme constata a obra de Michel Foucault, *História da Sexualidade*. Começa a se construir ali o corpo dócil do futuro trabalhador que vai ser alienado do seu trabalho e não se rebelará (MURARO, 1991, p. 14).

Com esse trecho da Rose Muraro, fica clara a posição da Igreja para com o sistema político e econômico que vinha tomando forma e suas contribuições para o sucesso do mesmo. É axiomático que estes trâmites foram benéficos para ambas as Instituições, para que uma pudesse erguer a outra, em vigor e controle total. Se a Inquisição foi peça chave para cimentar tais transformações, o *Malleus* foi uma ferramenta fundamental na intensificação do processo, o que garantiu mais impiedade e voracidade na atuação dos inquisidores.

Nas mensagens que dizem respeito à manipulação do corpo em associação da mão de obra, podemos também ponderar sobre o que disse o filósofo grego Aristóteles acerca do tema, uma vez que, este é frequentemente citado no *Malleus Maleficarum*.

Aristóteles introduz apenas uma pequena diferença entre a mulher e o escravo: ele é totalmente privado das faculdades de querer, de decidir e de prever, enquanto ela possui estas faculdades, porém de forma embrionária. Assim, embora o homem deva comandar

os dois, suas ordens devem ser formuladas diferentemente. A mulher representa o princípio negativo, a matéria, a passividade; enquanto o homem, desde que livre [...] representa o princípio divino, a forma, a inteligência, o movimento. Assim ele não hesita em definir a família, como sendo, ao mesmo tempo, a união entre um homem e uma mulher, e entre um senhor e um escravo (ALMEIDA, 1996, p. 16).

A mentalidade que se instala cada vez mais profundamente, compara a submissão que se deseja da mulher à obediência de um escravizado, por conseguinte, à administração que um senhor tem sobre suas propriedades. Mais tarde, tornar-se-á o gerenciamento que o estado capitalista tem acerca dos trabalhadores e duplamente sob a essência do feminino na sociedade.

A filósofa italiana Silvia Federici, em seu livro “Calibã e a Bruxa”, vai confrontar, como sugere o subtítulo, as abstrações entre mulheres, corpo e acumulação primitiva. Traçando um raciocínio crítico entre eventos históricos, o capitalismo e os papéis de gênero. Ela aponta que, nesse processo de proletarização - substituição do trabalho laboral para o trabalho monetizado - durante a transição do feudalismo, servos que perderam suas terras, agora só têm a oferecer sua força de trabalho. A terra se torna objeto de acumulação, não mais subsistência. Alguns poucos, detinham as propriedades e as produções, passando a controlar o mercado de alimentos, o que gera um ciclo de exploração.

Para auxiliar a domesticação dos trabalhadores, a Igreja precisa controlar os corpos femininos. Isso porque são as mulheres as geradoras de novos trabalhadores, e para garantir essa “fábrica” em pleno funcionamento era preciso desvalorizar o trabalho dessas mulheres e reduzi-las à reprodução. A lógica descrita se baseia em: mais gravidez gera mais população, que leva a mais excedente populacional, acarreta em mais capital, e maior barateamento de mão de obra, por fim, maior lucro para os proprietários:

A caça às bruxas aprofundou a divisão entre mulheres e homens, inculcou nos homens o medo do poder das mulheres e destruiu um universo de práticas, crenças e sujeitos sociais cuja existência era incompatível com a disciplina do trabalho capitalista, redefinindo assim os principais elementos da reprodução social (FEDERICI, 2017, p. 294).

Federici elenca cinco fatores elementais para a desvalorização da mulher: a retirada de seus direitos sociais, em acesso e cidadania, por exemplo; a diferenciação sexual do espaço, que passa a ser restrita ao privado; a divisão sexual do trabalho, no desprestígio salarial, em paralelo aos homens; a instituição dos papéis de gênero, segregando “o que é para menina e o que é para menino”; e a depreciação literária e

cultural da mulher, o que viemos demonstrando ao longo de todo este artigo. À vista disso, “A ameaça da fogueira ergueu barreiras mais formidáveis ao redor do corpo da mulher do que as cercas levantadas nas terras comunais” (FEDERICI, 2017, p. 330).

Os laços solidamente estabelecidos entre Igreja e medicina para louvar a importância da procriação e condenar o “demasiado apego aos sentidos” em muito servirão para dicotomizar as mulheres. ‘Santas’ e ‘licenciosas’ eram identificadas, no Antigo Regime, a partir de um critério pontual: o bom funcionamento da madre¹⁰ (DEL PRIORE, 2009, 162-163).

Nessa negociação, a Igreja também é favorecida. Mais pessoas traduzem em mais fiéis, são mais contribuições com o dízimo, por exemplo. Portanto, a Inquisição é fundamental para edificar o imaginário social e modelos a serem seguidos. A magia e a superstição, incorporadas nas personas das Bruxas, eram um grande obstáculo para a racionalização; significava assumir que não temos controle sobre a natureza, e o capitalismo representa o oposto disso, o controle mais absoluto da natureza: “O mundo deveria ser “desencantado” para poder ser dominado” (FEDERICI, 2017, p. 313).

Na figura da bruxa as autoridades puniam, ao mesmo tempo, a investida contra a propriedade privada, a insubordinação social, a propagação de crenças mágicas, que pressupunham a presença de poderes que não podiam controlar, e o desvio da norma sexual que, naquele momento, colocava o comportamento sexual e a procriação sob domínio do Estado (FEDERICI, 2019, p. 53-54).

O processo inquisitório vai além de uma estratégia religiosa por todos esses motivos citados, por criar situações para fins lucrativos e governamentais, por perseguir e punir quem lhes convinha, alterando e adaptando suas diretrizes para justificar sua petulância, interessados em se manter hegemônicos e soberanos. Logicamente, em interações de mutualismo com o Estado e o giro do capital, como no exemplo:

A Igreja, por sua vez, usava a acusação de heresia para atacar toda forma de insubordinação social e política. Em 1377, quando os trabalhadores têxteis de Ypres (Flandres) se levantaram empunhando armas contra seus empregadores, não apenas foram enforcados como rebeldes, mas também foram queimados pela Inquisição como hereges. Também há documentos que mostram que algumas tecelãs foram ameaçadas de excomunhão por não terem entregado a tempo o produto de seu trabalho aos mercadores ou por não terem feito adequadamente seu trabalho (FEDERICI, 2017, p. 73).

¹⁰ Madre, neste contexto, significa órgão que gera e desenvolve um feto, matriz, útero.

Como eram as Bruxas brasileiras?

O contexto inquisitório brasileiro apresenta uma configuração bem diferente, não somente do que sabemos sobre a conjuntura europeia, mas de tudo que já foi experimentado no tocante a religiosidade. De antemão, é valioso considerar a distância temporal entre os acontecimentos, a situação até então relatada se enquadra no período Medieval, levando em consideração outras prioridades. Já no enredo da América Portuguesa se experimenta a ação da Inquisição Moderna, assim como na Itália, Espanha e em Portugal. E é preciso recordar que, em terras brasileiras, não houve a construção de um Tribunal da Inquisição, o que acontece aqui são apenas visitas do Santo Ofício português, entre os séculos XVI e XVIII, com o foco em outras preocupações adequadas ao momento, por exemplo no controle dos cristãos-novos, assegurando a não continuidade das práticas judaicas, bem como o emprego de uma capilarizada rede de representantes, formadas por comissários e familiares do Santo Ofício, que buscavam estender sua fiscalização para as regiões mais interiores.

Para entender a ação da Inquisição em território brasileiro, é essencial assimilar as perspectivas religiosas que aqui habitavam. No momento em que ocorre a primeira visita, não havia completado nem um século de colonização, ou seja, muito pouco tempo de contato e troca de informações, para que se pudesse encontrar uma religião forte e consolidada. O convívio com as mais distintas comunidades indígenas, o trato direto com várias etnias africanas e os comportamentos um tanto quanto duvidosos dos portugueses que vieram ou foram mandados para o Brasil, resultam na mais complexa malha sincrética de religiões, crenças e filosofias. É evidente que, ainda que exista uma unidade em tradições e dogmas no catolicismo europeu, não podemos afirmar que era uma coisa só, em todo tempo e em todos os lugares. Nenhuma religião é pura, ou isenta de influências culturais e interpretações, contudo, a experiência nas Américas foi intensamente mais plural. Tamanho foi o choque dos inquisidores ao se deparar com as expressões da fé, como um organismo vivo, mutante e mesclado, nas terras do Novo Mundo, episódios que eles jamais sonhariam ou fossem capazes de dimensionar.

Cristãos-novos, sodomitas, hereges calvinistas, feiticeiros, magos, adivinhos só poderiam ser compreendidos no contexto em que atuavam: o universo colonial com toda

sua complexidade, o dia-a-dia dos colonos com suas aspirações variadas, ora nobres e legítimas, ora medíocres, mesquinhas (SOUZA, 1986, 153).

Devido a todo esse sincretismo, a distância da Metrópole e a pouca presença da Igreja, os casos resultantes exalam um certo caos. Em muitos momentos, ações de assimilação religiosa entre as ditas crenças pagãs e o catolicismo eram encorajadas, para melhor se infiltrar, como um método didático de identificação e, até mesmo, nos conceitos atuais, como uma representatividade, mas acima de tudo um dispositivo para o controle da população.

Os portugueses chegaram ao Brasil num momento em que a presença de Satã entre os homens era especialmente marcante. Monstros, animais, seres diabólicos, os colonos foram também feiticeiros, as formulações se sucedendo e se desdobrando no imaginário europeu. Índios da América, negros da África e brancos da Europa se combinariam mais uma vez para engendrar práticas mágicas e de feitiçaria extremamente complexos e originais (SOUZA, 1986, p. 153).

Semelhante ao que ocorre na Inquisição Medieval, o medo também era um aliado excepcional como estratégia de dominação e manutenção do poder católico. Como coloca Jean Delumeau, as convicções do Inferno e do Paraíso tinham um peso e ocupavam grande espaço nas mentes dos colonos. Então, ameaçar por meio das punições divinas, com os castigos e as lamúrias do Purgatório ou com o veredito do Juízo final obtinham alguns resultados interessantes. “A infernalização da colônia e sua inserção no conjunto dos mitos edênicos elaborados pelos europeus caminharam juntas. Céu e Inferno se alternavam no horizonte do colonizador” (SOUZA, 1986, p. 372). O território “descoberto” se torna então, a terra das maiores possibilidades para o pecado, de natureza bela e exuberante, e povo peculiar e melindroso, “Frei Vicente do Salvador fora o primeiro, já no século XVII, a vincular a terra de Santa Cruz ao pau avermelhado e abrasado, que mais convinha ao diabo que a deus” (VAINFAS, 1988, 169). Outra congruência entre a ação da Inquisição, no Brasil e na Europa, foi a perseguição às mulheres:

Coincidentemente, o elemento feminino aparece com mais ênfase nos processos inquisitoriais, confirmando um lugar-comum do Velho Mundo: o de que muitas mulheres sozinhas ou que trabalhavam para sobreviver eram acusadas de serem bruxas ou prostitutas (MACEDO, 2005, p. 5).

Todavia, a perspectiva, o simbolismo e o significado de Bruxa são bem diferentes. Segundo a historiadora brasileira Laura de Mello e Souza, a prática de feitiçaria no Brasil

foi mais individual que coletiva, não chegando a se transformar num pânico geral da atuação da Bruxa satânica, que reverenciava o Diabo, não se caracterizava da mesma maneira (DUARTE, 2005, p. 5). Até porque, no Brasil, os maiores alvos eram os judeus e os cristãos-novos¹¹, recebendo maior atenção das denúncias inquisitoriais. Porém, muitas das práticas judaicas também eram associadas à bruxaria, em função do uso de algumas palavras como: sabá¹² e sinagoga¹³. Contudo, também houve casos e acusações específicas de feitiçaria - índia Sabina, Luiza Pinta, Custódia, Antonia Maria e Maria Joana – são alguns dos nomes delatados à Inquisição envolvendo bruxaria. Essas mulheres, segundo consta nos depoimentos realizavam mágicas, feitiços, simpatias, adivinhações, beberagens, poções, rezas, orações e milagres - tanto para o bem, quanto para o mal, envolvendo acordos com Deus e com o Diabo (SILVA E SAMPAIO, 2014, p. 14). O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, explica que entre algumas das mulheres ditas Bruxas ocorria certa cumplicidade, em que se selavam laços de compadrio e se ajudavam nas práticas de cura e cuidados, “Apelidadas de comadres, que além de partejarem, curavam doenças ginecológicas por meio de bruxedos, rezas e benzeduras” (FREYRE, 2000, p. 416).

E por esses casos, podemos traçar um padrão das Bruxas brasileiras dos tempos coloniais. Estão quase sempre atreladas à comportamentos oriundos de hábitos indígenas ou africanos, e, em grande parte, durante os atos de feitiçaria são utilizados símbolos, nomes, preces e sinais cristãos, o que mais uma vez, diferencia o significado e as ocorrências com relação à Europa, além de confirmar o sincretismo.

As histórias de sabá são histórias de um outro continente, fruto de histórias e memórias construídas em condições de produção muito diversas das vivenciadas na colônia brasileira. Pensar a Inquisição no Brasil Colônia, da posição sujeito-inquisidor, tentando compreendê-la, explicá-la e classificá-la nesta outra realidade, obrigou os inquisidores a um olhar atravessado por memórias suas, estranhas à população local, a quem coube, nesse encontro de “dois imaginários” “constitutivos de povos culturalmente distintos”, estabelecer outro gesto de leitura que permitisse a identificação dos elementos típicos da colônia com o imaginário europeu. É nesse gesto que vemos, na Visitação do Santo Ofício ao Grão-Pará e Maranhão (1763-1769), a identificação de pretinhos com

¹¹ Cristão-novo é a designação dada em Portugal aos judeus convertidos à fé católica e seus descendentes. Em contraposição aos cristãos-velhos, conceito ideológico relacionado a pureza cristã, sem antepassados judeus.

¹² Sabá, significa um descanso religioso que os judeus, de acordo com os ensinamentos de Moisés, devem fazer aos sábados, no sétimo dia da semana judaica, dedicado a Deus, a Jeová. Durante o Sabá, não se deve trabalhar, dirigir, cozinhar e comprar; é um dia dedicado à oração e à desconexão total.

¹³ Sinagoga é o templo religioso da religião judaica.

diabretes e de pajés com mestres das feitiçarias ou demônios, para citar apenas dois exemplos. Os rituais indígenas ganhavam, sob o imaginário europeu, caráter demoníaco, tornando, assim, seus praticantes em verdadeiros feiticeiros [...] (GODOI, 2014, 228).

Sendo as Bruxas brasileiras esculpidas principalmente nos corpos das mulheres indígenas e africanas, retratam um recorte sociopolítico, escancaram o preconceito étnico-racial e vem também como resposta para a escravidão e o genocídio dessas populações.

[...] no Novo Mundo, a caça às bruxas constituiu-se em uma estratégia deliberada, utilizada pelas autoridades com o objetivo de pregar terror, destruir resistências coletivas, silenciar comunidades inteiras e instigar o conflito entre seus membros. Também foi uma estratégia de cercamento, que, segundo o contexto, podia consistir em cercamentos de terra, de corpos ou de relações sociais. Assim como na Europa, a caça às bruxas na América foi, sobretudo, um meio de desumanização e, como tal, uma forma paradigmática de repressão que servia para justificar a escravidão e genocídio (FEDERICI, 2017, p. 381-382).

Mesmo que a manifestação de Bruxa não fosse a mesma, a intenção de oprimir o corpo feminino ainda se faz presente. O domínio do corpo e do comportamento dos indivíduos, como comentado no tópico anterior, existe também nas colônias portuguesas, e bem acentuada, pelo fato dos pontos cruciais para a relação produtiva entre Colônia e Metrópole, estar na obediência e eficiência dos colonos. Assim não ocorreriam atrasos, o rendimento seria maximamente proveitoso e não existiriam rebeliões, desgastes e prejuízos.

A ação moralizante da Igreja [...] vai se erigir na Colônia por razões do Estado: necessidade de povoamento das capitanias, de segurança e de controle social. As mães, em sua função social e psicoafetiva, transforma-se no período de estudo, num projeto do Estado e principalmente da Igreja encarregar-se-á de disciplinar as mulheres da Colônia, fazendo-as partícipes da cristianização das Índias [...] A Igreja contou, para a implementação de tal projeto, com a fabricação generalizada da culpa, do medo, da vitimidade e da intensificação da polaridade mãe-santinha X puta [...] Destacam-se a eloquência dos sermões difundindo a ideia de mulher como naturalmente sereia, diaba e perigosa e impondo a devoção a Nossa Senhora com vistas a comportamentos ascéticos, castos, pudibundos e severos, além do culto à virgindade e o confessionário como instrumento potente de controle de intenções (SIQUEIRA, BANDEIRA E YANNOULAS, 1993, 149-151).

Sob a mulher cai a culpa e são impostos os padrões mais rígidos a serem seguidos. Em termos, o que pregava o *Malleus*, transparece nas mentalidades brasileiras coloniais, com uma frequência e moderação um pouco mais sutis, mas ainda respingam em diversas situações e justificam as perseguições seletivas, bem como o número de mulheres denunciadas e condenadas.

Herança infortuna

Agora, caminhando para as conclusões, podemos apontar, sobretudo, que a Inquisição deixou marcas profundas e visíveis nos corpos e nas mentes femininas, heranças de machismo, misoginia e desigualdades. O *Malleus Maleficarum*, escrito no século XV, ainda levanta posicionamentos atuais, vistos em discursos religiosos e políticos dos últimos anos. O Brasil ocupa o quinto lugar no ranking mundial de feminicídio¹⁴; no ano de 2022, foi registrado um caso de estupro a cada 7 minutos¹⁵; cerca de 18,3% das mulheres já sofreram assédio sexual no trabalho¹⁶; e a diferença salarial chega a 22%¹⁷. Obviamente o problema não está apenas no que dizem estes números, mas assim, é uma maneira mais tangível para identificarmos os reflexos desse patriarcado muito bem articulado há séculos e como a Inquisição tem sua contribuição nessa construção.

A filósofa brasileira Marcia Tiburi, explica “A misoginia está presente quando se associa as mulheres à loucura, à histeria, à natureza – como se houvesse uma predisposição que conferisse a elas uma inconfiabilidade natural, originária” (TIBURI, 2018, p. 39). Caracterizações construídas desde a antiguidade e potencializado pelos inquisidores. A respeito do machismo, ela diz: “Está na objetividade e na subjetividade [...] E, porque o machismo faz parte de um modo orgânico de pensar, de sentir e de agir, é tão difícil modificá-lo” (TIBURI, 2018, p. 63). Estamos fadados a reproduzi-lo,

¹⁴ Luta contra a violência à mulher. AFIRMATIVA. Disponível em: <https://revistaafirmativa.com.br/luta-contr-a-violencia-a-mulher-brasil-ocupa-o-5o-lugar-no-ranking-mundial-do-femicidio/>. Acesso em: 05/09/2023.

¹⁵ Estupros batem recorde no Brasil. CNN. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/estupros-batem-recorde-no-brasil-um-caso-e-registrado-a-cada-7-minutos/#:~:text=Dados%20do%20Anu%C3%A1rio%20Brasileiro%20de.cada%207%20minutos%20no%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 05/09/2023.

¹⁶ Mulheres sofrem cinco vezes mais assédio sexual no trabalho. Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar-economico/mulheres-sofrem-cinco-vezes-mais-assedio-sexual-no-trabalho-aponta-estudo#:~:text=Cerca%20de%2018%2C3%25%20das.o%20patamar%20%C3%A9%20de%2022%25>. Acesso em: 05/09/2023.

¹⁷ Diferença salarial entre homens e mulheres vai a 22%. Época. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/brasil/noticia/2023/03/diferenca-salarial-entre-homens-e-mulheres-vai-a-22-aponta-ibge.ghtml>. Acesso em: 05/09/2023.

demanda muita busca, muito estudo e autoconhecimento para se desprender de ideias tão abissalmente enraizadas.

O mundo mudou desde que o *Malleus* foi escrito, para melhor, é evidente, focando no viés feminino, porque se abordássemos o meio ambiente a resposta seria outra. No que diz respeito a acesso, direitos e leis, localizamo-nos bem mais tranquilas em comparação a nossas ancestrais. Contudo, ainda carregamos culpa e dor em nossos corpos, ainda podemos nos queixar - em parâmetros reduzidos e nos encaixes da sociedade contemporânea - das mesmas perseguições e violências.

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, em seus livros “Sejamos todos feministas” e “Para educar crianças feministas” nos apresenta um vislumbre positivo de como prosseguir, como passar a respeitar e conceder a devida dignidade a nossos corpos e sobretudo como nos posicionar frente às contrariedades do caminho. “Ela resistiu, protestou, falou alto quando se viu privada de espaço e acesso por ser do sexo feminino. Ela não conhecia a palavra ‘feminista’. Mas nem por isso ela não era uma. Mais mulheres deveriam reivindicar essa 3ª palavra” (ADICHIE, 2015, p. 49). Esse reivindicar, muitas vezes, vem pelo que a psicóloga norte-americana Clarissa Estés chamou de “fúria coletiva”, quando se toma consciência da adversidade e isso gera uma comoção e um movimento em prol da transformação, não só por uma, mas por todas. “Ao meu ver, feminista é o homem ou a mulher que diz: Sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar” (ADICHIE, 2015, p. 50).

Considerações finais

Desenvolver essa pesquisa foi uma tarefa gratificante em diversas esferas, pensar como as batidas do martelo das feiticeiras podem ressoar nos dias de hoje abre caminho para muitos debates interessantes, derruba barreiras e constrói pontes entre temáticas muito enriquecedoras.

Reconhecemos não somente as influências da Inquisição e de seu manual na normatividade da mulher, mas seu papel fundamental na perspectiva do capitalismo, no modelo de mundo que vivemos, nos medos e nos exemplos de comportamentos que prezamos e nos espelhamos. Elaborando a figura da mulher como Bruxa, um ser com

tamanho poder, capaz de engendrar todo um caos, que modificou os mecanismos da Igreja, e a colocou junto ao Estado numa missão de expurgo, talvez vindo a ser a figura mais caçada, ameaçada e temida de todos os tempos. Há de se supor, que o maior inimigo fosse o Diabo, todavia, depois de tudo o que foi organizado nestas linhas, o ser que de fato personificava esse Mal e, essencialmente, um Mal tangível, era a mulher.

Neste artigo então, é possível dialogar com muitos aspectos da história da Inquisição, desde a Era Medieval, a colonização do Brasil, as diferentes óticas da Bruxa e as heranças infortunadas deixadas por estes processos, em especial as cicatrizes produzidas pelas palavras lancinantes do *Malleus Maleficarum*.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. Tradução Denise Bottmann. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. Tradução Christina Baum. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2015.
- ALMEIDA, Angela Mendes de. *Mães, esposas, concubinas e prostitutas: Angela Mendes de Almeida*. Seropedica, RJ: EDUR, 1996.
- BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Alpha Betum. Buenos Aires: Visor Enciclopedias Audiovisuais S.A. 1999.
- BLACKLEDGE, Catherine. *A História da V – Abrindo a Caixa de Pandora*. Tradução J. M. Bertolote. DeGUSTAR. 1988.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no ocidente (1300-1800)*. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras. 1989.
- DUARTE, Janluis. *Houve Bruxas no Brasil?*. Periódicos UFPB, 2005.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos*. Trad: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro, Rocco, 2018.
- FEDERICI, Sílvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FEDERICI, Sílvia. *Mulheres e Caça às Bruxas*. São Paulo. Boitempo, 2019
- FEDERICI, Sílvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo. Elefante, 2019.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 16.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1973.
- GARCIA, Rubya Souza. *Gênero, trabalho doméstico e de reprodução social: uma análise sobre a exploração e opressão de mulheres no capitalismo*. 2022. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- GODOI, Gileade. *Um sabá nos trópicos: inquisição, memória e produção de sentido*. Letras, n. 48, p. 227-245, 2014.

- KRAMER, Heinrich. *Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras/ Heinrich Kramer e James Sprenger (1430-1505)*. Tradução Paulo Fróes; Rose Marie Muraro; Carlos Byington. 6ª edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2021.
- MACEDO, Helder Alexandre Medeiros. *Circularidade cultural e religiosidade popular no Brasil Colonial: uma análise historiográfica de O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Revista Urutáguia.
- MURARO, Rose Marie. *Breve introdução histórica*. KRAEMER, Heinrich; SPRENGE, James. *O martelo das feiticeiras*. Tradução de Paulo Fróes, v. 17, 1991.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágicas no ocidente cristão*. 1991.
- PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. - São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- PRIORE, Mary. *Por dentro do corpo feminino: uma viagem ao passado*. Espaço Plural, v. 11, n. 23, p. 11-19, 2010.
- RODRIGUES, Márcia Cristina. "MALLEUS MALEFICARUM—A BRUXARIA COMO AFIRMAÇÃO DO PODER ESPIRITUAL." *Revista Brasileira de História das Religiões* (2012).
- SAN MARTÍN, Pabla Pérez. *Manual de introdução à Ginecologia Natural*. 3ª edição; 2018. Ginecosofía Ediciones.
- SILVA, Kleber Henrique; SAMPAIO, Juliana Cunha. *MULHER E FEITIÇARIA NA AMÉRICA PORTUGUESA DO SÉCULO XVI: COTIDIANO, MAGIA E INQUISIÇÃO*. X Encontro Estadual ANPUH – PE. 2014.
- SIQUEIRA, Deis. BANDEIRA, Lourdes. YANNOULAS, Sílvia. Resenhas: DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Edunb, 1993.
- SOUZA, Alexandre Bueno Salomé. *Feitiçarias, encantos e magias: mulheres negras na inquisição do Brasil Colonial (1749-1770)*. In: *Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST*. 2017. p. 331-337.
- SOUZA, Alexandre Bueno Salomé. *São Tomás de Aquino e Santo Agostinho e a mulher na idade média*. Annales Faje, v. 1, n. 1, 2016.
- SOUZA, Laura de Mello. *O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. Editora Companhia das Letras, 1986.
- TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Editora Record, 2018.
- VAINFAS, Ronaldo. A problemática das mentalidades e a inquisição no Brasil colonial. *Revista Estudos Históricos*, v. 1, n. 1, p. 167-173, 1988.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-Non Commercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 07/09/2023
Aprovado em: 10/05/2024